

O universo da cultura nordestina nas letras musicais de Elinó Julião

André Luiz da Silva¹

Resumo

O forró é o ritmo que mais representa a cultura nordestina, cultura expressada principalmente através das tradicionais festas juninas, que são as manifestações maiores desta cultura. O presente artigo faz uma abordagem sobre a importância das letras musicais de um dos maiores referências do forró, o cantor e compositor norte-riograndense Elinó Julião, considerando a importância de suas composições, que trazem em suas letras elementos da cultura nordestina. Este artigo traz um estudo sobre literatura e cultura, literatura e música, o perfil histórico de Elinó Julião, a análise de algumas de suas letras musicais e a importância destas dentro do contexto da cultura nordestina, além do reconhecimento da importância da obra de Elinó Julião, dada por especialistas em cultura, comunicadores e outros artistas, tornando-o um dos ícones do forró.

Palavras-chave: Literatura. Cultura nordestina. Forró.

Introdução

O cantor Elinó Julião, durante sua carreira de mais de 53 anos dedicados ao forró, tornou-se uma das maiores referências deste estilo musical. Suas músicas abordam temas como: as festas juninas, a fauna e flora da região, o cotidiano do homem nordestino, principalmente da região do Seridó norte-riograndense. Ao longo de sua carreira, Elinó Julião gravou 41 discos em vinil, com o primeiro sendo lançado no ano de 1961, e nove CD's, sendo o último com o título de *Dentro do Movimento*, gravado em 2006, além de coletâneas de lançamentos em CDs masterizados. O artista compôs cerca de 350 músicas, que além dele próprio foram gravadas por artistas como: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Elba Ramalho, Lenine, Genival Lacerda, Zeca Baleiro, Fagner, Chico César, Tetê Espínola dentre outros. Este artigo tem o objetivo de ressaltar

¹ Bacharel em Comunicação Social. Aluno do Curso de Extensão em Língua Estrangeira da UEPB. E-mail: andrejuliaocg@yahoo.com.br

a importância de suas composições, que são verdadeiras crônicas, para a divulgação do forró como um elemento representativo da cultura nordestina.

Sendo filho de dois autênticos forrozeiros, meu pai Elino Julião e minha mãe Lucyamar, posso dizer que cresci em um verdadeiro “laboratório de forró”, ouvindo relatos de histórias de experiências vividas por ambos, no início de suas carreiras no sudeste do país, buscando divulgar o forró. Este artigo traz toda a trajetória musical de Elino Julião, mostrando a importância de suas composições dentro do contexto da cultura nordestina, além de depoimentos e relatos de escritores, ativistas culturais, familiares, amigos e artistas que conviveram com Elino Julião e que reconhecem a importância de suas letras musicais para a música nordestina, mais precisamente para a divulgação do forró.

Literatura e estudos culturais

A principal relação que existe entre literatura e estudos culturais, em sua concepção mais ampla, é o fato do projeto dos estudos culturais compreenderem o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno, como funcionam as produções culturais, como se constroem as identidades culturais nos indivíduos e nos grupos, nas relações de poder do Estado, mídia e corporações multinacionais. “No mundo moderno as culturas nacionais em que nascemos se constituem em um das principais fatores de identidades culturais”. (Hall 2006, pág. 47). A priori os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários, examinando a literatura com uma prática cultural específica. Os estudos culturais modernos têm uma genealogia dupla, vêm primeiro do estruturalismo francês dos anos 60, que tratava cultura como uma série de práticas cujas regras ou convenções deveriam ser discretas, destaque para os escritos de Roland Barthes em seu livro “Mitologia” de 1957. A segunda fonte dos estudos culturais contemporâneos é a teoria literária Marxista na Grã-Bretanha, com destaque para Raymond Williams na sua obra “Cultura e sociedade” e do fundador da Birmingham Center for Contemporary Cultural Studies, Richard Hoggart a “The uses of literacy” 1957, que buscava recuperar e explorar uma cultura operária popular que havia sido perdida de vista à medida que a cultura era identificada como alta literatura.

“A interação entre essas duas análises de cultura, a cultura como uma expressão do povo, e cultura como imposição sobre o povo, foi crucial para o desenvolvimento

dos estudos culturais, primeiro na Grã-Bretanha e depois em outros países”. (Coller 1999, pág. 51). Os estudos culturais, essa tradição, são movidos pelo interesse de recuperar a cultura popular como expressão do povo e da voz a cultura de grupos marginalizados, é o estudo da cultura de massas, como uma imposição ideológica. Os estudos culturais indagam em que medida somos manipulados pelas formas culturais em que medida e de que medida somos capazes de usá-las para outros propósitos exercendo a “agência” como ela é chamada. O trabalho do analista de estudos culturais se detém na tensão entre o desejo de analisar a cultura como um conjunto de códigos e práticas que aliena as pessoas de seus interesses e cria os desejos que elas passam a ter e por outro lado o desejo do analista de encontrar na cultura popular uma expressão autêntica de valor. A cultura popular é uma cultura de “luta”, uma cultura cuja criatividade consiste em usar os produtos da cultura de massas. Ela é feita de recursos culturais que se opõem a ela.

Literatura e música

Na antiguidade os gregos já relacionavam o estudo da música e literatura através da melopoética (do grego, meios= canto + poética). Gradativamente esta ciência afirmou-se, isto à partir do século XVI, e nos dias atuais atinge o prestígio que confere a literatura comparada e a inclinação pós-moderna pela fusão entre os vários sistemas artísticos. O estudo da musicologia encontrou adeptos ilustres, principalmente no século XX. “Na teoria musical, ou mais precisamente, na concepção de acordes proposto por Rameau uma precursora análise estrutural nas ciências humanas, alcançando também a literatura”.(Levi 1993, pág. 501). Em tempos relativamente recentes florescimentos do romantismo e do simbolismo destacam momentos cruciais para o entrelaçamento de literatura e música, evidente no interesse dos românticos pelas relações entre as artes em geral.

Sobre o estudo da musicologia Ribeiro (2003, pag. 13) afirma que críticos e artistas utilizam noções metafóricas como “música verbal”, “pintura tonal”, “orquestração de cores” e “planos sonoros”, visando à anulação das fronteiras entre a pintura, a poesia e a música. Nesse contexto as qualidades acústicas de sílabas, palavras e frases, as propriedades sonoras das locuções verbais passam a ser cada vez mais apreciadas como fenômenos essencialmente musicais.

Forró: A música que expressa a cultura nordestina

O forró tem raízes que se originaram da mistura de influências africanas e européias no Brasil. O batuque, dança de roda onde os africanos mostravam a sua cultura foi o tronco principal no que diz respeito à formação da música popular no Brasil, dele surgiram variações de ritmos que se espalharam tanto em áreas urbanas quanto rurais, sob vários nomes e estilos próprios conforme a região do país. O forró é um, ritmo, música e dança popular de origem nordestina que possui temática ligada aos aspectos culturais, principalmente aos festejos juninos, fauna e flora, como também aspectos do cotidiano da região.

Sobre a questão dos festejos juninos, Araújo (1973, pág. 23) afirma que:

Provavelmente a periodicidade da produção agrícola, induziu o nome em determinadas épocas, em sementeira ou na colheita, congregando os demais na vizinhança para o regozito, para o agradecimento ou pedido de proteção. Festa de produção ou consumo que chegaram até nós com as manifestações populares das Festas de São João e do Divino Pai Eterno.

O forró é o ritmo mais tradicional do nordeste , de acordo com pesquisadores o ritmo surgiu no século XIX, nesta época, como os salões de dança eram de barro batido, fazia-se necessário molhá-los antes, para que a poeira não levantasse. As pessoas dançavam arrastando os pés para evitar que a poeira subisse. Duas histórias cercam a origem do nome Forró, a mais difundida é de que os Ingleses, que trabalhavam na construção de uma estrada de ferro no nordeste, promoviam bailes em locais onde na entrada ficava escrita os dizeres "For All", cuja tradição para o português seria "para todos". Os bailes eram animados com trilha sonora e a dança local, e assim o nome foi se popularizando. A outra versão, mais nacionalista e apegada às raízes, fala que a palavra tem sua origem na língua africana, com o vocábulo forrobodó, que significa: festa, bagunça. Essa versão mais "científica" é do pesquisador Câmara Cascudo. Uma das principais características na dança do forró é que o casal executa os passes com os corpos bem colados, transmitindo sensualidade. Apesar de ser um ritmo tipicamente nordestino, o forró espalhou-se pelo Brasil fazendo grande sucesso. Foram os migrantes e artistas nordestinos como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, trio Nordestino,

Genival Lacerda, Marinês, Elinó Julião e outros que levaram o forró para o sudeste do Brasil, principalmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Forró é coletivo de cultura nordestina. Devido à sua riqueza musical, na atualidade existem várias ramificações do forró, surgidas no próprio nordeste e em outras regiões do Brasil, onde o estilo conseguiu absorver outras culturas fazendo nascer ritmos como o bate-bate na Paraíba, o valsadão no Ceará, o chameguinho e galopininho em Brasília, o arrocha e o cacau na Bahia, o *oxente music* ou forró estilizado no Ceará, o forró-brega no Pará, o forró universitário” em São Paulo, o vaneirão no Rio Grande do Sul e atualmente o forró-sertanejo, surgido no interior de São Paulo, um tipo de forró que tem como público consumidor os jovens universitários.

Cultura nordestina e o forró de Elinó Julião

Elinó Julião é uma das maiores referências do forró. A escritora Raquel escreveu no prefácio do CD “Elinó Julião Só Sucessos”, que lembrar a mídia é a Indústria cultural radiofônica que à autenticidade da música nordestina pode fazer sucesso é tarefa de artistas que cantam o nordeste, sua cultura e sua gente. Para a escritora Elinó é um desses. Nos últimos 40 anos vem sendo divulgador da música de sua terra, inclusive quando fez carreira no Rio de Janeiro na década de 60. Elinó Julião enxergava as belezas do Sertão nordestino, belezas estas que foram imortalizadas em músicas como *Seri Seridó, Na Sombra do Juazeiro, Relampiou, Cajueiro de Pirangi, O burro e Rabo do jumento, Santana e São Severino Mártir* além de *Puxando fogo, O baile do Tancredo, São João Alegre, Xodó de motorista, Quarenta Palitó, Filho de Guaiamum, Na bodega do Expedito, e O rela bucho*, a primeira de suas composições. As músicas de Elinó Julião trazem nas letras, a cultura e as tradições dos folgedos populares nordestinos, manifestações populares que evidenciam a cultura da região. Para o cantor e sanfoneiro Dominginhos independente de ser seu amigo desde os anos 70, ele pode falar honestamente de sua obra extensa, caricata muitas vezes em outras sérias. “Trabalhei com Elinó na CBS, eu era o sanfoneiro oficial do pessoal, ele era um baluarte extraordinário”. (Dominginhos, em entrevista ao Diário de Natal em 23.05.2005).

As principais composições de autoria de Elinó Julião que entraram para o repertório de músicas mais conhecidas do forró foram: *A festa do Senhor São João,*

onde o artista relata toda a alegria da chegada da noite de São João, uma alegria que se expressa através do forró, na comemoração da data mais importante dos festejos juninos: o dia 24 de junho, dia de São João. *O baile do Tancredo*, onde Elino retrata fielmente uma das diversões preferidas do homem sertanejo nos finais de semana, os forrós, onde por mais simples que seja a comunidade, sempre existe um baile aos sábados à noite para divertir os moradores. Outra composição bastante conhecida de Elino Julião é o arrasta-pé *Puxando fogo*, que traz em sua letra todo o cenário de uma noite de São João, com elementos que fazem parte das comemorações da festa. “Nessa noite, dentro e fora das grandes cidades, um pouco antes da meia-noite, resvalava-se, aos clarões das fogueiras, o carro silencioso das superstições nacionais” (Moraes Filho 2002 pág. 101).

De todas as músicas de Elino Julião, a mais executada, em se tratando de forró, é a música *O rabo do jumento*. Esta música foi o seu maior sucesso e a composição que lhe deu reconhecimento nacional, uma parceria dele com o compositor Dílson Doria. Já na música *Na sombra do juazeiro*, a flora nordestina é representada pelo juazeiro, uma árvore característica do sertão nordestino, a letra conta a história vivida por um casal que tem na sombra do juazeiro o seu local de encontro. Nascido no sertão do Seridó e sabedor da importância que a chuva representa para a sua região, Elino Julião, na música *Relampiou*, narra, com riqueza de detalhes, a vinda da chuva, sendo anunciada através de relâmpagos, e com ela a certeza de um bom inverno cheio de fartura. A letra desta música é uma crônica com uma seqüência de fatos que acontecem com a natureza do sertão e com o sertanejo, onde o artista conseguiu evidenciar aspectos da cultura nordestina, representada tanto na fauna como na flora da região.

A maioria das quase 350 composições de Elino Julião é no estilo Forró e foram gravadas em ritmos como xote, arrasta-pé e baião. Trabalhando ao lado de mitos do estilo como Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, Elino Julião divulgou o Forró por todo o Brasil, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde conseguiu projeção nacional através de lançamentos de seus trabalhos em gravadoras como CBS (hoje Sony Music do Brasil), Chanteclair, Beverly e Phillips/Poligram e apresentações de shows, caravanas, comícios políticos, festas juninas e programas de rádio pelo Brasil. Sua obra é reconhecida pelos principais representantes do forró, através de regravações de suas músicas mais conhecidas.

Eliño Julião: A infância no Seridó e o início da carreira em Natal

Eliño Julião nasceu a 13 de novembro de 1936, na Fazenda Toco, zona rural de Timbaúba dos Batistas, sertão do Seridó do Rio Grande do Norte. Eliño era filho de Sebastião Pequeno, barbeiro, tocador de cavaquinho e concertina, e de Maria Augusta, lavadeira. O artista passou toda sua infância na fazenda Toco, ao lado dos pais e mais 12 irmãos. A Fazenda era de propriedade da senhora Lutgard Guerra, que foi sua primeira professora e lhe ensinou a ler e a escrever. Sobre a infância na fazenda, Eliño dizia que morava lá no meio do mato, batia numa lata, cantando aqueles sambinhas da moda de Adoniram Fonseca, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, tinha rádio mas, lá na fazenda não tinha não e completa,

O rádio só tinha mesmo lá na cidade em Caicó, que era uma distância de 18 Km, agente ia pra cidade e aprendia a cantar as modinhas lá no sítio e nisso fui criando gosto e comecei a freqüentar o Caicó Esporte Clube, que tinha um baile todos os sábados à noite.” (Entrevista de Eliño Julião concedida a revista Brouhaha, em 10.12.2005).

Mais tarde, com doze anos de idade, Eliño Julião saía do Seridó pegando carona no caminhão de Arthur Dias, comerciante da região, e veio para Natal morar com uma tia no bairro das Quintas. Na capital potiguar o jovem artista começou a se apresentar nas rádios da cidade participando de shows de calouros, como os da Rádio Poti. Nesta emissora Eliño Julião conseguiu espaço e reconhecimento através de Genar Wanderley, que lhe convidou para se apresentar no programa “Domingo Alegre”, cantando músicas de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros, isso por volta anos 50. Em um destes programas, já com 22 anos de idade, Eliño teve a oportunidade de conhecer o já famoso “Rei do Ritmo” Jackson do Pandeiro, que reconhecendo o seu talento, o convidou para morar no Rio de Janeiro e fazer parte do seu grupo musical como ritmista. Eliño de pronto aceitou o convite feito por Jackson do Pandeiro. O convívio ao lado do rei do ritmo rendeu para Eliño Julião além de uma grande amizade, grandes frutos musicais. Durante oito anos o jovem cantor se apresentou em programas de rádio, shows, apresentações em TV, e conheceu o Brasil inteiro, tudo isso fazendo parte do grupo musical de Jackson do Pandeiro.

A vinda para Campina Grande em busca de projeção e reconhecimento nacional

Campina Grande sempre foi uma cidade pólo cultural no nordeste, isto devido as diversas manifestações artísticas existentes na cidade . A partir da segunda metade dos anos 60, na chamada “Era dourada do forró”, a Rádio Borborema de Campina Grande mantinha concorridos programas de auditório onde se apresentavam artistas que já eram sucesso ou buscavam uma projeção regional a partir de Campina Grande. Foi justamente em busca deste reconhecimento que há 42 anos Elinó Julião chegava do Rio Grande do Norte para cantar no programa de Rosil Cavalcanti, chamado “Forró de Zé Lagoa”.

Um das pessoas que tiveram o primeiro contato com Elinó Julião em Campina Grande foi o comunicador Humberto de Campos. Sobre Elinó Humberto de Campos lembra que quando ele chegou em Campina com um compacto debaixo do braço pedindo uma oportunidade. “Fui ouvir suas músicas quando ele cantou O Rabo do Jumento, eu telefonei para Rosil Cavalcanti que de imediato mandou que eu o levasse para o forró de Zé Lagoa”. (Humberto de Campos, Jornal A UNIÃO, 23,05,2006). Não demorou muito para que a música *O rabo do jumento*, conseguisse ter repercussão por todo o nordeste e, depois, no Rio de Janeiro. Por ocasião deste sucesso, em 1968, Elinó foi contratado para trabalhar na campanha política do candidato a prefeito de Campina Grande Vital do Rêgo, ao lado do comunicador Joselito Lucena. “Elinó era um artista muito animado no trato com o público, uma pessoa que mexia com as massas. Lembremo de sua imensa alegria em cantar as músicas que falavam das coisas do nordeste”. (Joselito Lucena, em entrevista ao pesquisador em 12.02.2007).

Foi justamente no período entre shows em comícios e apresentações no auditório da Rádio Borborema que Elinó Julião conheceu a então jovem cantora Lucymar, que viria a ser a sua companheira de 30 anos. Juntos tiveram quatro filhos: Elinó Julião da Silva Junior, músico, cantor e professor, André Luiz da Silva, músico, cantor e Jornalista, Priscila Maíla da Silva, cantora e advogada e João Paulo da Silva, já falecido. Sobre como foi o seu primeiro contato com Elinó Julião Lucymar conta que o conheceu em 1968 no auditório da Rádio Borborema, onde trabalhava como telefonista do programa Forró de Zé Lagoa.

De Elinó tenho as melhores recordações, principalmente de nossas idas e vindas entre o Rio de Janeiro e Campina Grande, um companheiro que me ensinou muitas coisas da vida e que me deu

quatro filhos maravilhosos”. (LUCYMAR – Entrevista concedida ao pesquisador em 27.02.2007).

Os dois artistas moravam entre as cidades do Rio de Janeiro e Campina Grande, e foi em Campina Grande que criaram os filhos, que desde cedo tiveram contato com a música e inevitavelmente seguiram a carreira dos pais. Lucymar e Elinó Julião trabalhavam juntos em campanhas políticas e festas juninas, nas décadas de 70,80 e 90 e também no Rio de Janeiro onde os artistas cantavam em shows realizados em casas localizadas no centro, periferia e bairros populares do Rio de Janeiro, os chamados “forrós”, que tinham como público principal a comunidade nordestina. Os forrós mais famosos e freqüentados eram: O forró Sombra do Juazeiro, no centro da cidade, O forró dos nordestinos, no bairro de São Cristóvão, O forró da Ilha, no bairro da Ilha do Governador, e o forró de Caxias, em Duque de Caxias, cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Elinó Julião um dos maiores divulgadores da cultura nordestina através do forró

O primeiro disco de Elinó Julião foi lançado no ano de 1961 pela gravadora Chanteclair. O trabalho não rendeu grande divulgação para o artista que pensou até em desistir. Foi justamente na casa de Jackson do Pandeiro que Elinó começou a compor suas primeiras músicas e convidado por Jackson, participou na gravadora Phillips/Polygram de um disco produzido pelo Rei do Ritmo. O disco chamava-se “O fino da Roça”, uma coletânea musical com a participação de vários artistas de forró como Genival Lacerda, Jackson do Pandeiro, Messias Holanda e outros. Neste disco Elinó fez sucesso com duas músicas: *Xodó de Motorista* e *Puxando Fogo*. Bem antes do estouro dessas duas músicas, as composições de Elinó já faziam sucesso, como a música *O relabucho*, que foi gravada por Sebastião do Rojão. Em função do sucesso desta música, a gravadora CBS (hoje Sony Music) contratou Elinó, assim ele passou a fazer parte do cast de artistas forrozeiros da gravadora. “Eu era companheira de gravadora de Elinó, gravei duas músicas ao lado dele e outras composições suas, gravei porque suas músicas tem a cara do povo. (Marinês, em entrevista ao “Diário de Natal” em 23.05.2005).

Para o compositor Antônio Barros Elinó Julião é uma lenda viva que merece lugar e reconhecimento entre os principais artistas da música brasileira. No Rio de

Janeiro o artista foi contratado pela extinta Rádio Tupi e pela Rádio Nacional, sempre cantando forró. A música não gerava renda suficiente para sobreviver e nessa época o cantor chegou a ser baterista do cantor e compositor Araken Peixoto (irmão do cantor Cauby Peixoto) e também sobrevivia vendendo suas próprias composições para outros cantores. Pela qualidade de suas letras, muitos artistas começaram a gravar as composições de Elinó Julião, principalmente artistas de forró, como Luiz Gonzaga e o amigo Jackson do Pandeiro. Sobre o convívio com Jackson o artista relembra que Jackson era um exímio músico e que tocava bem o piano. Para o produtor cultural William Coller, Elinó Julião contribuiu para a música popular brasileira de qualidade. Muitos artistas reverenciam a sua obra, que é antológica. Em meio ao sucesso, Elinó Julião saiu do Rio de Janeiro e foi para São Paulo, trabalhar ao lado de Pedro Sertanejo (pai de Oswaldinho do Acordeon), permanecendo na capital paulista por seis anos. Após este período, Luiz Gonzaga, que já era conhecido como o “Rei do Baião”, estreava na TV Cultura o show “Chapéu de Couro” e convidou Elinó para trabalhar ao seu lado como ritmista. A experiência durou três anos e neste período, Elinó morou na casa de Luiz Gonzaga, juntamente com o irmão do “Rei do Baião”, o cantor Zé Gonzaga, conhecido como o “Príncipe do Forró”.

O auge da carreira artística de Elinó Julião

O auge da carreira musical de Elinó Julião aconteceu quando o artista foi contratado pela gravadora CBS. O primeiro disco lançado pela gravadora foi o LP “Aquilo” em 1971, mas o ponto inicial para o estouro de vendas foi o LP “Coração Louco” em 1978, que vendeu 900 mil cópias, disco que segundo o próprio Elinó foi o seu maior sucesso “Só Roberto Carlos vendia mais do que eu” (Elinó Julião em entrevista concedida a revista Brouhaha, em 10.12.2005). Daí em diante, o artista passou a lançar dois discos por ano. Elinó Julião foi contratado da CBS durante 23 anos. Seus últimos trabalhos pela gravadora foram os LP’s “Meu Coração é das Mulheres” e “De novo Elinó Julião”. Na CBS Elinó Julião também gravou trabalhos cantando outros ritmos como: carimbó e brega, ritmos mais populares na região Norte do País. O brega foi o ritmo que rendeu a Elinó Julião a sua música de maior sucesso, o brega *Meu cofrinho de amor*, de autoria de João Martins e Elias Soares, que ao lado do forró *O rabo do*

jumento, são as composições que lhe deram reconhecimento nacional como cantor e compositor.

Considerações Finais

Após todo o estudo feito sobre o forró como elemento da cultura nordestina, tendo na obra musical de Elinó Julião o foco principal, concluo, após análises feitas por intermédio de referências bibliográficas, entrevistas, pesquisas em sites e materiais fonográficos, que Elinó Julião, por intermédio de suas composições e também por sua carreira musical, foi um dos grandes divulgadores da cultura nordestina através do forró. A obra de Elinó Julião é bastante rica, devido à qualidade de suas letras musicais.

Elinó Julião ter um perfil regionalista, o que o caracteriza como um cantor do nordeste e de estilo genuinamente pé-de-serra, tendo suas músicas divulgadas no Brasil e em outros países como Bélgica, Angola, Zâmbia e Portugal, onde em terras portuguesas no ano de 2000, o artista potiguar se apresentou no evento Brasil 500 anos, em comemoração aos 500 anos de descobrimento do Brasil. Este artigo confirma a importância de Elinó como divulgador do forró ressaltando que a partir de estudos feitos em sua discografia foi comprovado que ele é o artista de forró que mais participou de coletâneas do gênero, os chamados “Pau de Sebo”, um título que o coloca como referência deste estilo musical. No ano de 2000 foi lançado, a título de homenagem, devido à importância de suas composições para a cultura nordestina, um CD didático intitulado “O Canto do Seridó”, um tributo produzido pelo projeto Nação Potiguar, que teve o patrocínio da FIERN e do Sesi estado do Rio Grande do Norte. O CD traz Elinó Julião cantando em duetos com grandes artistas nordestinos como: Fagner, Elba Ramalho, Dominginhos, Marinês, Lenine, Chico Science (vinheta da música *Filho de Guaiamun*) e artistas da vanguarda paulista, representada por Tête Espínola e Ná Ozetti.

Falecido a 20 de maio de 2006, Elinó Julião deixou uma extensa e importante contribuição musical para os que gostam da autêntica música nordestina que não sofre influência da Indústria Cultural, uma mídia que descaracteriza as culturas populares, como a do nordeste. A obra de Elinó Julião continuará em destaque, isto porque Elinó Julião cantou cultura, cantou o nordeste, suas peculiaridades, sua gente e suas festas de São João.

Referências

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**; Fotografias do autor, desenhos de Gervald Storni, Orny Azevedo, do autor e de outras fontes. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1973.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Seleta**, Organizações, Notas e Estudos de Américo

CLAUDE Levi Straus. Olhar, escutar e ler. São Paulo, Cia das letras, 1993.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: Uma Introdução. Tradução Sandra Vasconcellos- São Paulo: Beca Produções culturais Ltda, 1999.

Diário de Natal, Natal – RN, edição de 23/05/05

Diário de Natal, natal– RN, edição de 04/12/2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Jornal A União, João Pessoa – PB, edição de 23 /05/2006.

Jornal de Hoje. Diversão e Arte, Natal – RN, edição de 20/07/2001

Jornal do Comércio, Recife – PE, Edição de 25/01/2000.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília, Senado federal, Conselho Editorial, 2002

O Galo ano IX, nº 07 Agosto de 1999.

Revista de Cultura “Brouhaha”, n ° 02. Out/ Dez de 2005.

Revista de Cultura “Preá”, nº 12. Maio/Junho de 2005.

RIBEIRO, de Oliveira Solange. **Literatura e Música**. São Paulo, editora SENAC, Instituto

Itaú Cultural, 2003.

Tribuna do Norte – RN, edição de 14/11/2001.

Ciberliteratura:

www.elinojuliao.com.br

www.forrozaria.com.ig.com.br/oforro/miadale.htm

www.meionorte.com/danielcristovao/forro-cultura-nordestina-genuinamente-brasileira-65155.html

<http://www.suapesquisa.com/musicacultura/forro.htm>